

tamente, mas por fecundação recíproca” (pág. 10), porque afinal os parentescos parecem ilusórios e a Europa deve distanciar-se (**id. passim**).

Procurou o Prof. Dermigny mostrar como a sociedade norte-americana se vê “heróica” e “libertária”. Assim, a glorificação do “herói” (ancestral ou próximo da imigração o identifica sempre), que se libertou vindo colonizar o país, e realizando desta maneira o ideal de liberdade. É característico do estadunidense julgar-se, diz o Autor, “uma nação que se pensa coletivamente como um imigrante ideal: o herói que escolheu a liberdade” (págs. 39 e segs.).

O comportamento das gerações novas (“A morte do pai”), é para o Autor a tentativa de desconhecimento de uma filiação extra-americana, ou de experiência anterior, e finalmente, o que se constata é a ausência da autoridade paterna e o ideal de infância completamente independente (pág. 19). No caso do imigrante a questão é aguda, pois “A ruptura do imigrante com a Europa se prolonga ou, melhor dizendo, se completa numa ruptura entre seus filhos e êle” (págs. 27 e segs.).

Nota ainda o Autor uma predominância feminina na sociedade estadunidense (“A mulher e o signo”), e por isso “consequência capital: consciência americana e escala de valores são predominantemente femininas” (pág. 56). Daí um idealismo norte-americano, “atitude complexa, que consiste em emitir regras morais para uso dos outros, sem que se seja obrigado entretanto a observá-las” (pág. 57).

Este livro, em que o Autor vê a América como “massa enorme levada num incessante movimento, na verdade a América não é senão espaço e movimento; ela não entrou ainda no tempo, ou apenas começa a entrar: ante-histórica, ela permanece na idade do mito” (pág. 9), é de leitura sugestiva, e apresenta, sem dúvida, temas significativos para reflexão a nós outros, os que vivemos ao sul do Rio Grande.

**LUÍS LISANTI**

\* \*  
\*

**In Memoriam do Prof. Albert Ray Newsome (1891-1951).**

**Studies in Southern History.** Chapel Hill. The University of North Carolina Press, 1957. Vol. 39 do **James Sprunt Studies in History and Political Science**, editado por Fletcher M. Green diretor, William Whathey Pierson, J. Carlyle Sitterson e James E. King. 168 págs.

**The Graduate History Club** (Clube de História dos Graduados) da Universidade de Carolina do Norte (**Chapel Hill**) apresenta em **Studies in Southern History**, um volume de ensaios, em memória do falecido e mui estimado professor Albert Ray Newsome (1891-

1951) (1). Os colaboradores dêste volume refletem a influência do grande mestre, todos êles, hoje, mestres também (2), seguindo ainda a orientação do professor Newsome, dando ênfase aos problemas que tem limites no espaço e no tempo, salvando, assim, para a História Americana a história estadual e local que, hoje em dia, mediante tantos problemas globais, tende a se perder. Observa-se neste trabalho de dez ensaios a interdependência da história estadual, regional e nacional que era fundamental nas pesquisas, nos escritos e na orientação do professor Newsome.

Caldwell em *The Churches of Granville County, North Carolina, in the Eighteenth Century*, examina a vida religiosa do sertanejo da Carolina no século XVIII onde talvez não havia igrejas, ministros ordenados ou congregações organizadas, mas não faltavam convicções religiosas. Os primeiros pioneiros de Virgínia eram presbiterianos e batistas. Logo em seguida temos a Igreja Anglicana (a Igreja Estabelecida). Não existem indicações de que havia ministros da Igreja Estabelecida antes de 1749 — o próprio povo cuidava de suas necessidades religiosas. Em 1769 o Revdo. James McCarthy do S.P.G. (**Society for the Propagation of the Gospel**) revelou que batizou 221 brancos e 79 pretos, apesar da competição que lhe moviam os presbiterianos e batistas (pág. 5). Com a Revolução Americana a maioria dos ministros e seus seguidores da Igreja Estabelecida manteve-se leal ao Rei de Inglaterra e com os **Tories** (partido real), perdendo assim seu **status** legal. Após a Revolução, o Revdo. Henry Pattillo, presbiteriano, mas não sectário, preocupado com a cristianidade que seria “totalmente irradiada” pelo ceticismo e a queda das normas morais e atividades religiosas resultante da guerra, convidou outros ministros, entre êles metodistas e episcopalianos para in-

---

(1). — Albert Ray Newsome nasceu em Marshville, Carolina do Norte em 1894 e formou-se na Universidade de Carolina do Norte e na Universidade de Michigan. Lecionou nas escolas públicas de Elisabeth City e Wilmington (Carolina do Norte), Bessie Tift College (Geórgia) e na Universidade de Carolina do Norte em 1935 até seu falecimento em 1951 como chefe do Departamento de História. Foi secretário da Comissão Histórica de Carolina do Sul (agora Departamento de Arquivos e História do Estado) onde redigiu a *North Carolina Historical Review*, como também, secretário da Associação Histórica e Literária do Estado e o primeiro presidente dos *American Archivists*. Entre suas mais importantes publicações destacamos *The Presidential Election of 1824 in North Carolina* (Chapel Hill. The University of North Carolina Press, 1939) e (em colaboração com H. T. Lefler), *North Carolina: the History of a Southern State* (Chapel Hill, The University of North Carolina Press, 1954).

(2). — Em ordem cronológica: James R. Caldwell, Jr., *Assistant Professor* em Ciências Sociais na Universidade de Carolina do Norte; Charles Grier Sellers, Jr., *Assistant Professor* de História na Universidade de Princeton; Alice B. Keith, *Professor* de História em *Meredith College*; Carolyn Andrews Wallace, *Curator* da Coleção Histórica do Sul da Biblioteca da Universidade de Carolina do Norte; Lawrence F. London, *Research Associate* da Biblioteca da Universidade de Carolina do Norte; Cornelius O. Cathey, *Associate Professor* de História na Universidade de Carolina do Norte; J. Carlyle Sitterson, *Professor* de História na Universidade de Carolina do Norte; Arthur S. Link, *Professor* de História na Universidade de Northwestern; Dewey W. Grantham Jr., *Associate Professor* de História na Universidade de Vanderbilt e Sarah McCulloch Lemmon, *Associate Professor* de História em *Meredith College*.

centivar o povo à Fé. Participou também de **Revivals** (movimentos populares religiosos), identificando-se com o movimento geral. O **Revival** do Revdo. McCready em 1800 estendeu-se ao oeste até o Estado de Ohio. Os **Revivals** e a cooperação entre os presbiterianos, metodistas e batistas, dos povos da Carolina do Norte, como também do Estado de Virgínia, juntavam-se ao grande movimento evangélico que empolgou a nação no princípio do século XIX.

No seguinte ensaio, Sellers, **Making a Revolution: The North Carolina Whigs, 1765-1775**, analisa a organização e as táticas utilizadas pelos **Whigs** (partido revolucionário) para levar seus compatriotas aderirem ao movimento de independência. O autor demonstra que a Revolução Americana não era nenhum acidente histórico, mas que foi feita, planejada e dirigida por uma pequena minoria — a classe provincial estabelecida (fazendeiros, capitalistas locais, altos funcionários e os das profissões liberais, procurando dirigir os assuntos, como êles quiseram e para seu próprio bem, pelo menos na Carolina do Norte). Tiveram ao seu dispor uma organização disciplinada, cujo âmbito abrangeu a província toda, e aplicavam uma propaganda extremamente hábil e utilizaram coação e intimidação para levar o povo a uma rebelião armada.

No terceiro ensaio, **William Blount in North Carolina Politics, 1781-1789**, Alice Keith apresenta um estudo daquele período, mostrando como os negociantes participaram da política e da vida pública para lucros pessoais, especialmente William Blount, que não era o homem “modesto, honesto e sincero” como é comumente conhecido. E, como nota Sitterson, a autora “levanta em consequência a questão maior e perene de ‘serviço público e lucro particular’, que sempre tem sido presente em toda a história americana” (pág. vii).

Em **David Lowry Swain, The First Whig Governor of North Carolina**, o quarto ensaio, Carolyn Wallace analisa como Swain, relativamente desconhecido ou menos favorecido na eleição para governador do Estado, ganha, apesar de não ser do partido de Andrew Jackson. Contrariamente ao resto da nação, os **Whigs** na Carolina do Norte estiveram a favor de mudança e não os **Democrats** (o partido de Jackson). Até a eleição de Swain (1832), o governador da Carolina do Norte era apenas um **gentleman** em caráter, costumes e hospitalidade (pág. 62). Tudo isso Swain também era, mas êle iniciou a tendência de tornar o governador um líder político. Apesar de sua popularidade e a nova força que êle deu aos **Whigs**, perdeu a eleição em 1835 e retirou-se da vida política aceitando um convite para ser presidente da Universidade de Carolina do Norte.

No quinto ensaio, **Confederate Literature and Its Publishers**. London examina a literatura e sua publicação no Sul, quando a Guerra Civil estourou em 1861. Anteriormente o Sul dependia, em grande parte, do Norte e da Europa para seus livros, revistas, etc. Mas com o bloqueio resultante da guerra, o Sul tornou-se auto-suficiente neste aspecto, como em tudo mais. Embora houvesse trabalhos de valor, a verdadeira literatura sulina ficou para o futuro. Houve trabalhos só-

bre o exército, a marinha, a medicina, traduções, histórias, textos, romances, publicações religiosas, etc.

Cathey, no sexto ensaio, **The Impact of the Civil War on Agriculture in North Carolina**, analisando o impacto da Guerra Civil sobre a agricultura, demonstra como os fazendeiros e alguns sitiantes preocuparam-se só com algodão, tabaco, arroz e açúcar, até ao ponto de ter que comprar seus gêneros de subsistência no Norte e, com a guerra, a mudança que seguiu para uma produção agrícola auto-suficiente, especialmente na Carolina do Norte. Havia propaganda, intimidação, taxas, etc. para influenciar os lavradores à uma produção racional, mas havia também especulação, extorsão, armazenagem, falta de administração, de braços, de transporte, que tornou a distribuição irregular.

Em **Business Leaders in Post-Civil War, North Carolina, 1865-1900**, Sitterson, através dum estudo baseado nas carreiras de 120 negociantes, mais ou menos importantes, tenta destruir o mito de que foram os nortistas e o capital do Norte que fizeram do **Old South** da monocultura um **New South** industrializado. Demonstra também, estatisticamente, que grandes líderes, negociantes e industriais — os “homens feitos por si” é mais um falso mito americano. Na Carolina do Norte, 49.2% vieram da classe alta, 37.5% de classes média e 4.2% da classe baixa. E embora naquela época, apenas uma minoria bem pequena freqüentasse escolas, todos os líderes tiveram alguma formação e 29.16% dos 50.82% que freqüentaram a Universidade foram formados, demonstrando que vieram de famílias com recursos. Também, segundo a estatística de Sitterson, 79.9% dos líderes eram protestantes — apenas 1.66% católicos apostólicos romanos e 1.66% de religião judaica. Através da sua análise o autor demonstra que havia continuidade de liderança e que ainda hoje existem muitos mitos para serem derrubados.

No oitavo ensaio, **The Cotton Crisis, The South, and Anglo-American Diplomacy**, Link, analisando novos aspectos das relações entre o Sul e a nação durante a administração do presidente Wilson apresenta um estudo do impacto da crise internacional sobre os interesses econômicos regionais. O algodão ainda era rei no Sul, quando a guerra de 1914 estourou e o mercado de algodão sofreu um colapso. O autor analisa os vários planos apresentados para resolver os problemas econômicos do Sul e mostra como o bom mercado voltou com a venda de algodão aos ingleses e alemães no fim de 1914. Os bloqueios que se seguiram levou a Inglaterra a uma posição extremamente delicada. Não queriam perder a boa vontade dos Estados Unidos, mas com a primavera de 1915 a única fonte de fricção anglo-americana foi mesmo o algodão. A Inglaterra, se quisesse manter seu bloqueio teria que prevenir um novo colapso do mercado de algodão. Assim, lançou bloqueios sem que figurasse o algodão na lista de contrabando e garantindo seu valor monetário, dando também passagem livre ao algodão com destino a países neutros na Europa ou comprando-o. E, finalmente, começou a comprar algodão em grandes quantidades. Mais tarde, fechando ainda mais o bloqueio, a Inglaterra deu indicação de por o algodão na lista de contrabando. Os líderes do Sul,

especialmente o senador Hoke Smith, lançaram uma campanha anti-britânica, ameaçando recusar a venda de armas e munições à Inglaterra. O presidente Wilson, ciente de que a guerra contra a Alemanha era inevitável, preocupou-se em manter boas relações com a Inglaterra e ao mesmo tempo não perder todo o mercado algodoeiro. Os diplomatas americanos consultaram os ingleses. A Inglaterra pôs mesmo o algodão na lista de contrabando, mas ao mesmo tempo mandou seus compradores adquirir o excesso. O próprio governo americano pôs à disposição do Sul dinheiro suficiente para fornecer crédito aos produtores de algodão, aconselhando guardá-lo para vendê-lo gradualmente. A crise passou e o Sul perdeu sua antipatia aberta pela Inglaterra. E, segundo Link, “como a maioria dos americanos, os sulistas foram para a guerra em abril de 1917, não porque quisessem lutar ou amassem os ingleses, mas só porque não havia outra alternativa” (pág. 138).

Crantham, no nono ensaio, **Hoke Smith and The New Freedom, 1913-1917**, demonstra as limitações dos liberais do Sul na época progressiva (**The New Freedom** que começou com a derrota do Partido Republicano e a volta do partido Democrata à presidência com Woodrow Wilson), que como as do senador Hoke Smith, eram baseadas em preocupações seccionais intensas e um eleitorado altamente personalizado e sem disciplina. Hoke Smith, do Estado da Geórgia, lançou sua carreira política com bastante otimismo e até promessas de liderança nacional. Derrubou os Democratas da “velha guarda” com uma campanha em favor da segregação e contra os **big business**, prometendo reformas e identificando-se com os **Progressive Democrats** do movimento Wilson. De fato, Smith tornou-se um dos líderes no Senado. Fêz reformas no sistema bancário e monetário, como também na agricultura e ensino, mas criticou muito e afastou-se demais da política do governo nacional em relação à crise do algodão (Guerra de 1914), como também do programa de Wilson de legislação social urbana. Seus inimigos políticos aproveitaram suas faltas para pôr fim à sua carreira.

No último ensaio, Sarah Lemmon em **Governor Eugene Talmadge and the New Deal** mostra que o conflito entre os interesses agrícolas e urbanos que existiam na época do **New Freedom** (Woodrow Wilson) ainda existiam na época do **New Deal** (Franklyn D. Roosevelt). O governador Talmadge do Estado da Geórgia tinha muito em comum com o presidente Roosevelt. Ambos foram do partido Democrata a vida inteira, ambos executivos reeleitos três vezes através de movimentos populares, ambos enfrentaram os problemas da depressão de 1932 e, enquanto Talmadge nascera na Geórgia, Roosevelt tinha ligações pessoais bem chegadas naquele Estado (pág. 152). Embora houvesse divergência na plataforma, havia muito mais semelhança e ambos começaram com boas relações. Mas essa “lua de mel” (pág. 153) logo acabou. Talmadge era o representante das forças rurais e tornou-se o crítico do progressivismo urbano do **New Deal** de Roosevelt, apesar de que a Geórgia recuperou-se da depressão, em grande parte, pelo apôio que o **New Deal** lhe prestou. Talmadge tem-

poràriamente destacou-se nacionalmente pelos seus ataques contra Roosevelt, só que tendo fracassado, seu âmbito foi limitado à política estadual. Mas Talmadge foi quem abriu a trilha para os que se seguiram na divisão maior dentro do Partido Democrático nos últimos anos do **New Deal** e na época do **Fair Deal** (Harry S. Truman). E, segundo Sarah Lemmon, “seus princípios, sua carreira, e até seus suspensórios vermelhos estão gradualmente desaparecendo da memória do homem” (pág. 168).

**FRANK GOLDMAN**